



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

ANA PAULA SERAFIM MARQUES DA SILVA

TÃO BOA, TÃO DELICADA:
A IMAGEM DA CRIANÇA NA POESIA INFANTIL DE OLAVO BILAC

JOÃO PESSOA
DEZEMBRO DE 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

ANA PAULA SERAFIM MARQUES DA SILVA

TÃO BOA, TÃO DELICADA:
A IMAGEM DA CRIANÇA NA POESIA INFANTIL DE OLAVO BILAC

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniela Maria Segabinazi.

JOÃO PESSOA
DEZEMBRO DE 2015

S586t Silva, Ana Paula Serafim Marques da.
Tão boa, tão delicada: a imagem da criança na poesia infantil de Olavo Bilac / Ana Paula Serafim Marques da Silva.- João Pessoa, 2015.
50f. : il.
Orientadora: Daniela Maria Segabinazi
Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (Licenciatura) - UFPB/CCHLA
1. Bilac, Olavo, 1865-1918 - crítica e interpretação.
2. Literatura brasileira - crítica e interpretação. 3. Poesias infantis. 4. Moralismo.

UFPB/BC

CDU: 869.0(81)(043.2)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir alcançar mais essa vitória.

Ao meu esposo, pelo apoio, carinho, exemplo e por acreditar que eu conseguiria.

À professora Daniela Maria Segabinazi, pelo incentivo e contribuição acadêmica, que me levaram a superar dificuldades e limitações.

À Banca Examinadora: Socorro de Fátima Pacífico Barbosa e Rinaldo de Fernandes, por aceitar tão prontamente o convite e contribuir com o aprimoramento deste trabalho.

A todos da minha família, principalmente às professoras da minha infância: minha mãe, Ana Virgília; minha avó Anatália e minha tia Maria Auxiliadora.

À minha turma da graduação, pelo apoio e amizade.

A todos os professores que tive durante o curso.

A Valnikson Viana e Raquel Sousa que muito me ajudaram.

A todos que de alguma forma contribuíram com minha formação acadêmica.

*“É essa a magia da palavra poética –
multiplica-se em diferentes sentidos,
dependendo do olhar e do espírito de quem
a lê.”*

Nelly Novaes Coelho.

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com o intuito de apresentar o contexto da visão de infância no Oitocentos, detendo-se, mais especificamente, na análise das manifestações do moralismo vinculado ao comportamento infantil na obra poética **Poesias Infantis** (1904), do escritor Olavo Bilac. O exemplar é um arquivo histórico sobre a escola republicana brasileira do período oitocentista, na qual esteve presente por mais de cinco décadas em diversos estados do Brasil. Examinamos a ligação estabelecida entre a descoberta da infância e a importância dada à criança no Brasil, assim como a participação do gênero poético neste processo e a contribuição do autor em questão para a formação de uma literatura infantil brasileira. Por fim, analisamos os conteúdos específicos das poesias que compõem o livro **Poesias Infantis** (1904), procurando perceber os preceitos educativos atrelados ao moralismo voltado para o comportamento infantil da época. Para embasar o nosso trabalho, nos valem de Ariès (1978), Postman (1999) e Marcílio (2003), no tocante ao estudo da descoberta da infância, e como esta se deu no Brasil; Arroyo (2011), Lajolo e Zilberman (2007), Souza (2006) e Coelho (2000; 2010) para compreender de que forma a poesia infantil esteve presente no cotidiano das crianças. Utilizamos Magalhães Júnior (1974) e Simões Junior (2007), sobre a experiência de Bilac enquanto poeta e educador. Também nos subsidiamos de Lajolo (1982), Coelho (1995), Cordeiro (2005), Hansen (2011) auxiliando no estudo do nosso *corpus*.

Palavras-chave: Século XIX. Olavo Bilac. Poesias Infantis. Moralismo.

ABSTRACT

This research was conducted in order to present the child's view of the context in the nineteenth century, pausing, more specifically, the analysis of moralism outbreaks linked to child behavior in poetry **Poesias Infantis** (1904), the writer Olavo Bilac. The copy is a historical archive of Brazilian republican school of nineteenth-century period, which has been present for more than five decades in several states of Brazil. We examine the connection established between childhood discovery and the importance given to the child in Brazil, as well as the participation of the poetic genre in this process and the author's contribution in question for the formation of a Brazilian children's literature. Finally, we analyze the specific contents of the poems that make up the book **Poesias Infantis** (1904), seeking to realize the educational precepts linked to morality facing the childish behavior of the time. To support our work, draw on the Ariès (1978), Postman (1999) and Marcílio (2003), with regard to childhood discovery of the study, and how it took place in Brazil; Arroyo (2011), Lajolo and Zilberman (2007), Souza (2006) and Rabbit (2000; 2010) to understand how the nursery rhyme was present in the daily lives of children. We use Magalhães Júnior (1974) and Simões Junior (2007), about Bilac experience as a poet and educator. Also in subsidize the Lajolo (1982), Coelho (1995), Cordeiro (2005), Hansen (2011) helping the study of our corpus.

Keywords: Nineteenth Century. Olavo Bilac. Poesias Infantis. Moralism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO SÉCULO XIX: A POESIA E A CRIANÇA	11
2.1 A descoberta da infância.....	11
2.2 A infância brasileira.....	13
2.3 A Poesia Infantil brasileira	16
3. OLAVO BILAC: SEU TEMPO E SUAS OBRAS.....	20
3.1 A vida do poeta.....	20
3.2 A diversificada produção de Olavo Bilac.....	22
3.3 A produção Infantil de Olavo Bilac: uma literatura escolar.....	25
4. O LIVRO <i>POESIAS INFANTIS</i> : SUA TRAJETÓRIA E SEU VALOR.....	29
4.1 <i>Poesias Infantis</i> e a crítica	32
4.2 O moralismo em <i>Poesias Infantis</i>	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

1. INTRODUÇÃO

A Literatura Infantil surge para preparar as crianças para o mundo; e, foi no período oitocentista, época que ficou conhecida por fomentar a noção de infância, como parte do processo de formação do ser humano, que os pequenos ganhariam mais espaço na sociedade e cuidados específicos. Segundo Coelho (2010), com esse novo sentimento de infância surge a preocupação com o tipo de literatura que serviria para sua formação. Nesse período, tinham-se no Brasil muitas adaptações e traduções vindas da Europa; todavia alguns escritores viram a necessidade de produzir material genuinamente brasileiro para nossas crianças.

Um gênero que surgiu no século XIX e fez parte da literatura escolar foi a Poesia Infantil. Ela teve grande relevância na construção da infância brasileira, pois o recurso poético visava a formação de bons sentimentos e boas maneiras através de uma linguagem exortativa (Coelho, 2000). Esse recurso literário foi um dos preferidos dos intelectuais no começo da Primeira República. Considerado nobre, o texto poético seria um ótimo aliado para educar os ouvidos das crianças.

Neste trabalho, trazemos a figura de Olavo Bilac, que foi um dos escritores que se preocupou em produzir uma literatura escolar para o público infantil, acreditando que esse tipo de obra poderia combater o atraso e a miséria do país (Lajolo, 1982). As crianças eram a esperança de se ter uma sociedade regenerada e rodeada por valores cívicos, religiosos e morais. E foi através do gênero poético infantil, o qual certamente constitui uma das partes menos conhecidas da sua produção, que Olavo Bilac teve seu destaque na literatura infantil do período oitocentista.

De autoria exclusiva de Olavo Bilac, o livro **Poesias Infantis** (1904), considerado uma das obras mais representativas desse gênero no país, que integrou o processo de renovação de ensino propagado durante a Primeira República, foi inserido nas salas de aulas como livro de leitura para os alunos da rede primária de ensino básico, perdurando por mais de cinco décadas. A permanência temporal do livro nas escolas e no mercado editorial são indícios de sua relação com as ideias – nação, civismo, cidadania, ética e moral – acerca da educação da época.

Durante a nossa pesquisa, encontramos uma lacuna centrada na área de estudos literários infantis, no que diz respeito ao período aqui abordado, pois obras como

Poesias Infantis (1904), rotuladas de didáticas e moralistas, são consideradas por muitos estudiosos literários como “menores”, acusadas de servir apenas à pedagogia, não fazendo parte da arte literária. A escolha por estudar obras oitocentistas deve receber a devida importância, já que elas trazem os valores socioculturais daquele tempo, são arquivos históricos sobre a escola republicana brasileira, caracterizam os contornos da nossa educação, valorizam a memória nacional e também marcam o início da criação literária infantil. Desse modo, esta pesquisa pretende analisar poesias da obra poética **Poesias Infantis** (1904) que demonstram ter a presença do moralismo como padrão de comportamento ligado à questão da obediência infantil, do caráter pedagógico e de uma visão de infância ideal.

Procuramos compreender as diferentes visões ou conceituações relativas ao modelo de comportamento que o meio familiar e a sociedade como um todo impunham à criança, considerada a “semente do novo mundo”, de acordo com a ideologia circulante na época. Para isso, buscaremos contextualizar, no primeiro capítulo, sobre descoberta da infância e suas vantagens com a separação do mundo dos adultos, e como a criança foi ganhando espaço social no Oitocentos até a sua introdução na escola. Aqui também traçaremos o caminho percorrido da literatura infantil, desde as adaptações e traduções portuguesas até as obras tipicamente brasileiras, destacando o percurso histórico do gênero poesia infantil que, mesmo atrelado à escola, contribuiu como arte literária na propagação de valores da época para os pequenos leitores. Utilizaremos os teóricos Ariès (1978), Postman (1999), Coelho (2000; 2010), Priore (1996), além da contribuição de Arroyo (2011), Fontes (2005), Leite (2003), Barbosa (2000), Marcílio (2003), Lajolo e Zilberman (2007), Souza (2006), Rosa (2009).

A seguir, no segundo capítulo, atentaremos sobre a vida e a obra de Olavo Bilac, apresentando sua importância na constituição da literatura infantil brasileira. Um grande jornalista, poeta e educador, que se dedicou à vida literária. Destacaremos as poesias e outros gêneros produzidos para infância oitocentista. Utilizaremos as considerações de Lajolo (1982), Magalhães Júnior (1974), Simões Junior (2007), Scherer (2008), Franchetti (2009), Hansen (2011) e Cordeiro (2005).

No último capítulo, discorreremos sobre a obra **Poesias Infantis** (1904), que foi significativa no período da formação da nossa literatura infantil, bem como a sua trajetória e permanência. Procuraremos entender as relações da obra e seu momento de produção e recepção. Utilizaremos para análise em nossa pesquisa o *fac-símile* da primeira edição do livro, que está disponível para o público no acervo digital da

Biblioteca Brasileira, devido à aproximação com o contexto de sua circulação no Brasil, algo que as reedições acabaram perdendo. Também apresentaremos a fortuna crítica da obra e analisaremos o modo como as poesias infantis presente no livro de Bilac contribuía para a difusão de valores. Sendo assim, buscaremos entender o modelo de comportamento que o meio familiar e a sociedade impunham às crianças. Recorreremos às considerações de Cordeiro (2005), Arroyo (2011), Coelho (1995), Hansen (2007) e Lajolo (1982).

Por fim, teceremos algumas considerações a partir dos resultados obtidos com a realização deste trabalho. Ressaltamos, desde já, que foi mantida a ortografia da época em todas as citações das poesias analisadas. Reconhecemos a contribuição de Olavo Bilac para a nossa literatura escolar, que apesar do forte moralismo que marca as poesias, a preocupação do autor em trabalhar com elementos típicos da infância deixou a obra com uma leveza artística.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO SÉCULO XIX: A POESIA E A CRIANÇA

2.1 A descoberta da infância

O conceito de infância foi construído historicamente no mundo ocidental e, durante muitos séculos, a criança foi considerada como um ser que não possuía cuidados específicos e necessidades diferenciadas à sua faixa etária. Assim, paulatinamente, a partir do século XIX, surgem as preocupações com as crianças enquanto seres necessitados de cuidados especiais, e recebem um *status* de respeito e importância sócio-histórica.

As transformações advindas com o Oitocentos ampliaram o sentimento da infância e, com isso, despertou a urgência de proteger as crianças do mundo dos adultos. Segundo Ariès (1978), foi no final século XIX que ocorreu a separação do mundo das crianças do mundo dos adultos, passando a criança a ter seu próprio espaço, ou seja, ela se tornou um ser que merece respeito e melhor compreensão. Ainda, em consonância com o autor, a infância foi o período da vida humana privilegiada no período oitocentista.

Nessa época, aconteceram movimentos a favor da criança: o estudo e compreensão desse público, evidenciando a especificidade e a importância da criança, como diz Coelho (2010):

[...] a criança é descoberta como um ser que precisava de cuidados específicos para sua formação humanística, cívica, espiritual, ética e intelectual. [...] Pode-se dizer que é nesse momento que a criança entra como um valor a ser levado em consideração no processo social e no contexto humano. (COELHO, 2010, p. 148)

Então, o que se percebe é um contraste de atitudes em relação à infância, que do “não ser” passa a ser considerada essencial, ou seja, a criança ganha um destaque na sociedade e passa a ser vista como um ser que possui crescimento intelectual e emocional. Observamos, assim, que houve uma melhora no tratamento dado aos pequenos infantes, que agora cercados de delicadezas e necessidades têm suas particularidades respeitadas.

Postman (1999) também aponta que, finalmente, no século XIX, aceitou-se que a criança não podia compartilhar a linguagem, o aprendizado, os gostos, os apetites, a vida social de um adulto; com isso, deixavam de participar da vida mundana e passam a ter brinquedos e histórias feitas para elas. O autor afirma, ainda, que nesse período é introduzida uma cultura infantil própria, em que tudo se cria e se reinventa para o universo infantil até então inexistente.

Apesar de todo o processo de reconhecimento da infância e da sua diferenciação dos mais velhos, ela ainda foi marcada por diversos problemas. Pode-se citar a industrialização entre eles, que se estendeu durante o Oitocentos e fez com que a criança fosse vista pelo lado do interesse econômico, ou seja, como mão de obra barata para as indústrias. Postman (1999) nos mostra que em algumas sociedades, como na Inglaterra, as crianças eram obrigadas a trabalhar e foram usadas como “combustível” nas indústrias inglesas, o que ocorria mais precisamente com os filhos das famílias de classe social menos favorecida. Todavia, a infância sobreviveu à industrialização da Inglaterra, graças às classes média e alta e ao governo, que se preocuparam com a concepção humanitária da infância. Sobre esse período de resistência da infância à industrialização pode-se afirmar que:

O período entre 1850 e 1950 representa a preamar da infância. Nos Estados Unidos, alvo agora de nossa atenção exclusiva, foram feitas tentativas bem sucedidas durante esses anos de pôr todas as crianças fora das fábricas e dentro das escolas, dentro de suas próprias roupas, de seu próprio mobiliário, de sua própria literatura, de seus próprios jogos, de seu próprio mundo social. Em uma centena de leis as crianças foram classificadas como qualitativamente diferentes dos adultos; numa centena de normas foi-lhes atribuído um estatuto preferencial e oferecida proteção contra os caprichos da vida adulta. (POSTMAN, 1999, p. 81)

O processo de reconhecimento da infância foi lento e, ainda no Oitocentos, viam-se crianças sendo inseridas em trabalhos industriais, tirando assim seus direitos de frequentarem um ambiente escolar. Como afirmam Cordeiro e Coelho (2006, p. 885), “A urgência por mão-de-obra provoca o não cumprimento dos direitos infantis de acesso à escola, levando as crianças novamente ao mercado de trabalho, submetidas às explorações em nome dos ditames econômicos”.

O período oitocentista caracterizou-se por tecer os fios da infância, pois foi nessa época que ela passou a ser concebida como produto do tempo, da natureza e da cultura, tornando-se objeto de estudo e investigação para várias ciências. Além disso, Ariès (1978) destaca a necessidade de educá-las e inseri-las também nos rituais

religiosos da época, como a primeira comunhão. Este ato foi crucial para caracterizar a manifestação do sentimento da infância que ganhava força no espaço da sociedade, família, igreja e escola.

2.2 A infância brasileira

A infância brasileira não se diferencia muito do que se passava na infância do mundo ocidental. A preocupação com a infância no Brasil também apareceu no século XIX e, aos poucos, a criança foi conquistando o seu espaço em terras brasileiras. Como bem definiu Arroyo (2011), durante essa época a criança era tratada como uma pessoa de pouco valor.

Considerava-se a criança o adulto menor, sem distinções psicológicas, morfológicas talvez, como também sociais, mas menos filosóficas que entendemos hoje. O menino era o homem em ponto pequeno que deveria progredir dentro dos padrões de moral, social e psicológicos válidos para os adultos. (ARROYO, 2011, p. 164)

Desse modo, o século XIX foi um período de mudanças na concepção da infância que assumia um novo aspecto, em que as crianças foram colocadas a um novo viver. Elas passaram a ser o centro das atenções, necessitando de cuidados e proteção das famílias que passavam a moldá-las para atender os padrões sociais da época.

Nesse contexto, o Brasil passava por transformações causadas pela transição entre Monarquia e a República, tais como a abolição da escravatura e o combate às epidemias. Era um período de turbulências que afetava não só os adultos, mas também os pequenos, que eram traficados, explorados e maltratados. Nesse sentido, Fontes (2005) mostra os difíceis problemas que a infância enfrentava:

[...] é importante ressaltar que a história da infância no Brasil se confunde com a história do preconceito, da exploração e do abandono, pois, desde o início, houve diferenciação entre as crianças, segundo sua classe social, com direitos e lugares diversos no tecido social. (FONTES, 2005, p. 88)

A infância brasileira, da virada do século caracterizou-se por múltiplas vivências que dependiam do pertencimento social, racial e de gênero, no qual a criança vivia. Dessa forma, podemos dizer que houve, no nosso país, vários tipos de infâncias.

Apesar de todo o sentimento da preocupação gerado em torno das crianças, muitas famílias ainda não possuíam tal sentimento e as abandonavam por motivo de não ter uma boa condição econômica, como podemos verificar abaixo:

O abandono de crianças e o infanticídio foram práticas encontradas entre índios, brancos e negros em determinadas circunstâncias, distantes da questão da concentração devastadora nas cidades, da perversa distribuição de bens e serviços entre camadas sociais e das fronteiras que entre elas estabeleceram. (LEITE, 2003, p. 20)

Segundo a tese de Barbosa (2000), existiram dois tipos de infância: uma é a infância sem família, em que as crianças eram abandonadas nas rodas dos expostos e nos hospitais, que trabalhava como adulto nas indústrias, sem nenhuma condição de saúde e sobrevivência. A outra é a infância atendida, que tinha uma criança bem cuidada, valorizada e protegida, vigiada e punida, que aprende a estudar e a governar.

Aqui no Brasil, esse paralelo de infâncias se deu pelo controle da Burguesia, Estado e Reformas religiosas, que tiveram um importante papel nas transformações culturais na História da criança. No século XIX, as crianças brasileiras tiveram dois apoios: a criação da Lei do Ventre Livre (1871), a qual deveria garantir a liberdade das crianças nascidas a partir daquele ano e a ajuda das instituições religiosas, que cuidavam das crianças abandonadas em lugares chamados roda dos expostos (MARCÍLIO, 2003).

Nem sempre os governos ou as instituições podiam acolher os menores abandonados e as famílias acabavam se solidarizando e cuidando de um pequeno. É fato que o sentimento em relação às crianças, apesar de lentas transformações, estava mudando, ou seja, a criança estava ocupando um novo *status* na família e na sociedade. Pode-se ver isso na seguinte afirmação:

As crianças que eram encontradas e que não recebiam a proteção devida pela Câmara ou pela roda dos expostos acabavam sendo acolhidas em famílias que as criavam por dever de caridade ou por compaixão. A prática de criar filhos alheios sempre, e em todos os tempos foi amplamente difundida e aceita no Brasil. São inclusive raras as famílias brasileiras que, mesmo antes de existir o estatuto da adoção, não possuíam um filho de criação em seu seio. (MARCÍLIO, 2003, p.70)

Outro importante papel do Estado foi a criação dos direitos humanos que favoreciam as crianças, como é mostrado em Priore (1996, p. 57): “A infância e a identidade infanto-juvenil adquirem foros de cidadania, tímidos ainda, porém, crescendo dia a dia”. Ficava agora a encargo das Delegacias de Polícias zelarem pela moral e inocência dos pequenos, o que antes era controlado pela igreja.

Também foi um destaque para essa época, o olhar da medicina que se voltava para a proteção dos pequenos, com o combate da mortalidade infantil através da higiene. Barbosa (2000) aponta que no final do século XIX, a medicina passa a intervir no cotidiano das famílias, orientando-as sobre a saúde e doenças que podiam afetar as crianças, através da disciplina e os cuidados com a higiene e amamentação.

Com a preocupação da medicina e outras ciências, surge a necessidade de criar instituições para atender a criança, como os jardins de infância. Barbosa (2000) afirma que:

No Brasil a educação e o cuidado das crianças pequenas iniciou-se no mesmo momento em que aconteceu a urbanização, a industrialização, a divulgação do discurso médico-higienista, a transformação na organização da família e a criação da república. (BARBOSA, 2000, p.96)

O período republicano foi um grande aliado no surgimento de novas escolas. Mesmo de forma precária, foi no entre séculos (XIX e XX) que o ensino se desenvolvia no país, e com isso o sistema de educação básica foi ampliado e universalizado. A escola seria, o que aponta Cordeiro (2005, p. 21), “[...] o *locus* para a completa regeneração da população por meio das crianças, mesmo as mais pobres e incultas” (grifo da autora). A escola passava a ser obrigatória para todos.

A escola, nessa época, era responsável pelo ensinamento da leitura, escrita, aritmética e pela formação do cidadão. Ela passava a substituir os ensinamentos empíricos transmitidos pelos adultos, por ensinamentos moralizantes com regras introduzidas pela igreja. Assim, a escola prepararia os pequenos para os saberes, normas e valores atribuídos à vida adulta. Ao se referir à escola, Lajolo e Zilberman (20017) observam que:

Como é à instituição escolar que as sociedades modernas confiam a iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos, quanto nas habilidades, técnicas e conhecimentos necessários inclusive à produção de bens culturais, é entre os séculos XIX e XX que se abre espaço, nas letras brasileiras, para um tipo de produção didática e literária dirigida em particular ao público infantil. (LAJOLO E ZILBERMAN, 2007, p.24)

Caberia à escola transmitir para a criança valores e normas da sociedade com a finalidade de instruir e de formar o homem do amanhã. Assim, ela seria o espaço que as famílias confiavam para a educação e desenvolvimento dos pequenos, transformando-os em sujeitos ou futuros cidadãos.

O século XIX foi marcado pela efervescência cultural e econômica, descobertas e invenções. O progresso e a ciência fizeram parte do desenvolvimento do nosso país. Todos esses fatores contribuíram para o aparecimento de livros dedicados à infância, como afirma Arroyo (2011).

Com a ampliação das tipografias, o surgimento de livros para crianças cresceu no nosso país, juntamente com a necessidade de educá-las com ações de boas condutas morais e intelectuais. É nessa ótica que surge a literatura especificamente dedicada às crianças brasileiras. Atrelada à Escola, a Literatura foi uma ferramenta educativa, cujo objetivo principal, na sua gênese para crianças no Brasil, era transformar a infância brasileira em homens e cidadãos perfeitos.

2.3 A Poesia Infantil brasileira

Com a chegada da família real no Brasil e a implantação da Imprensa Régia em 1808, iniciam-se oficialmente as atividades editoriais brasileiras. Com a instalação da corte, o ensino foi uma das prioridades para os Portugueses. A partir desse importante passo, começou a existir um sistema literário no nosso país. Souza (2006) chama essa fase de inicial para a literatura feita especialmente para as crianças. Arroyo (2011) aponta que o período de transição entre o Império e a República foi importante, pois proporcionou às crianças brasileiras leituras de livros de autores do nosso país. Ainda em consonância com Arroyo (2011, p. 163), a escola teve um importante papel no fortalecimento da literatura brasileira: “As observações em torno dos primórdios do aparecimento da literatura infantil no Brasil indicam que o gênero, de ponto de vista histórico, se baseou na literatura escolar.”.

A literatura infantil brasileira do século XIX aparece com edições de livros que vinham de Portugal. As circulações de obras estrangeiras começaram a aparecer no nosso país na metade do século. Lajolo e Zilberman (2007, p. 28) afirmam que antes de 1880 circulavam no Brasil somente traduções da Europa, como “Cônego (Christoph) Von Schmid: **O canário** (1856), **A cestinha de flores** (1858) e **Os ovos de Páscoa** (1860)”.

Logo depois, passaram a existir as traduções nacionais, como as de: Carlos Jansen - **Contos seletos das Mil e uma noites** (1882), **As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen** (1891), **Robinson Crusóé** (1885), **Viagens de Gulliver**

(1888), **Contos para filhos e netos** (1894) e **D. Quixote de la Mancha** (1901); João Ribeiro - **Cuore** (1891) e Olavo Bilac – **Juca e Chico** (1910).

As adaptações das histórias infantis do acervo europeu ficaram por conta de Figueiredo Pimentel, com os **Contos da carochinha** (1894), **Histórias da avozinha** (1896), **Contos de Fadas**, **Histórias da baratinha** (1896). Também estavam disponíveis para a leitura da infância brasileira versões abasileiradas de textos de Charles Perrault, Irmãos Grimm e Hans C. Andersen, este com os contos **O patinho feio** e **O patinho aleijado** (1915), (ARROYO, 2011).

Após as traduções e adaptações de obras da Europa, surge no Brasil o interesse em escrever obras que abordassem o patriotismo e civismo. Entre os autores que tematizam a questão, estão: Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira - **Contos infantis** (1886); João Vieira de Almeida - livro **Pátria** (1889); Afonso Celso - **Por que me ufano de meu país** (1901); Olavo Bilac e Coelho Neto - **Contos pátrios** (1904), e Júlia Lopes de Almeida - **Histórias da nossa terra** (1907), (ARROYO, 2011).

Alguns precursores da literatura destinada às crianças aqui no Brasil que nos deixaram obras poéticas clássicas para a infância foram, segundo Arroyo (2011), Zalina Rolim, com os livros **Coração** (1897) e **Livro das crianças** (1897); Presciliana Duarte de Almeida, com **Páginas infantis** (1910) e o **Livro das aves** (1939); assim como Francisca Júlia e Júlio da Silva lançaram **Alma infantil** (1912); Alberto Figueiredo Pimentel, que publicou o livro **Álbum das crianças** (1897) e Olavo Bilac, com o livro **Poesias Infantis** (1904), alvo deste estudo. Também merece destaque outras vozes da poesia para crianças: Coelho Netto, Casimiro de Abreu, Julia Lopes de Almeida, Alberto Figueiredo Pimentel, João Köpke, Maria Eugênia Celso, Alexina de Magalhães Pinto.

Arroyo (2011) comenta o modo encantador que o gênero poético conquistava o público infantil:

O Livro das crianças, de Zalina Rolim, foi publicado em 1898, e a autora encantou muitas crianças da época com suas poesias publicadas então em revistas. [...]

Em Francisca Júlia, encontra-se uma poesia infantil límpida, apropriada e benfeita. Na lírica infantil, repete seu mágico sentido de equilíbrio entre forma e tema. O pequeno volume *Alma infantil*, com recitativos, monólogos, diálogos, comédias escolares, hinos, com os então chamados “brincos infantis”, tudo em versos, resiste ainda hoje à leitura. (ARROYO, 2011, p. 318)

Arroyo (2011) destaca, ainda, outros autores que contribuíram na área da poesia destinada à infância: Idelfonso Laura César publicava, em 1854, o livro **Lições a meus**

filhos; este era pequeno e só continha duas estórias narradas em forma de poesia. O poeta cearense Juvenal Galeano, em 1871, que publicou um volume intitulado **Canções da escola**. José Fialho Dutra escreveu o livro **Flores do campo** (1982), com 150 páginas de poesias infantis. José de Sousa Lima editava, em 1886, o livro **Aos bons filhos**, que continha uma série de poesia para as crianças do nosso país.

A poesia, que desde o século XVII é considerada um gênero nobre, aqui no Brasil, foi um dos primeiros recursos literários dirigidos ao público infantil no século XIX. Arroyo (2011, p. 314) afirma que a poesia dessa época atendia “[...] os verdadeiros critérios de composição de uma lírica capaz de ser longamente amada pelas crianças”. Isso pela simplicidade que a poesia tocava o coração dos pequenos.

Segundo Coelho (2000, p. 46), a discussão sobre em qual área pertence à literatura infantil, se é à arte literária ou à área pedagógica, ainda está longe de ser resolvida, isso porque ela pode ser vista por dois ângulos: “[...] como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e acima de tudo, modifica consciência de mundo de seu leitor [...]. Sob outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa [...]”. Nessa ótica, o gênero poesia infantil se vincula com a pedagogia e cresce de braços dados com a escola, voltada principalmente para aprendizagem da língua portuguesa e para exaltar o ensino da moral e do civismo:

[...] o objetivo da poesia infantil, quando aparece uma poesia dedicada às crianças, não é senão inculcar valores religiosos, morais e familiares aos homens em miniaturas, aos homens do amanhã, como são, à época, consideradas as crianças. (ROSA, 2009, p 45)

A poesia tradicional brasileira, como afirma Coelho (2000, p. 224), tinha o intuito de ensinar ao leitor algo para ser imitado depois, por isso o comprometimento dela com a escola, “no sentido de contribuir para formar no aluno o futuro cidadão e o indivíduo de bons sentimentos”. A autora explica que esses bons sentimentos, que eram transmitidos poeticamente, giravam em torno do amor e respeito, pátrios, filiais, fraternais, de caridade, generosidade, obediência, etc. Assim, o gênero poético atendia o que era a literatura da época, pois transmitia valores relacionados à moral, ao exemplo, aos ensinamentos pedagógicos, religiosos e nacionalistas.

Escrever poesias infantis nesse século teve suas recompensas. O lucro não foi a única motivação dos escritores, que queriam obter uma qualidade literária da obra. Como a produção direcionada ao público infantil era uma minoria, e poucos eram os

seguidores, os escritores tinham suas regalias, como podemos ver na seguinte afirmação:

Tratava-se, é claro, de uma tarefa patriótica, a que, por sua vez, não faltavam também os atavios da recompensa financeira: via de regra, escritores e intelectuais dessa época eram extremamente bem relacionados nas esferas governamentais, o que lhes garantia a adoção maciça dos livros infantis que escrevessem. Se isto, por um lado, pode explicar o tom gramscianamente orgânico da maioria dos contos e poesias infantis desse tempo, por outro, sugere que escrever para crianças, já no entre-séculos, era uma das profissionalizações possíveis para o escritor. (LAJOLO E ZILBERMAN, 2007, p. 28)

Contudo, Coelho (2000) afirma que a produção de poesia infantil limitava-se a poemas lúdicos, com pura brincadeira e quase sempre pueris, e caracterizavam-se por também tematizar, como nos mostra Lajolo e Zilberman, (2007, p. 148) “[...] bichos, paisagens, vultos familiares e patrióticos de um ponto de vista exemplar e educativo.”

Souza (2006, p. 80) afirma que “Pela primeira vez, no Brasil, a literatura dirigida ao público jovem é travestida de ludismo, apesar de manter a orientação e exemplaridade como características básicas.” Essa orientação é reforçada por Bordini (1991, p. 9), afirmando que “[...] os escritores vestem-se de pedagogos para ensinar condutas dentro das convenções que empregam para adultos.”. Eram assim as poesias disponíveis para a leitura da infância brasileira.

Assim, a criança se aproximou da poesia; como afirma Souza (2006, p. 89), “Nessa época cercada de cuidados morais e pedagógicos”. A poesia foi um veículo de tradição didática, que dotada de conselhos, ensinamentos e normas, possuía uma função social limitada aos interesses socioeconômicos, e que os professores utilizavam como lições escolares por possuir uma linguagem culta e solene.

Um dos autores, já citados, que contribuiu significativamente para essa produção literária e que marcou a história da poesia infantil, sem dúvida alguma, foi Olavo Bilac. Conforme, Lajolo e Zilberman (2007), sua poesia era lapidar, cintilante e muito bem escrita, percorrida por uma corrente forte de lirismo:

Esta encontrava adesão imediata na sentimentalidade e emotividade do público nacional, que sabia de cor seus versos e declamava-o sempre que se apresentasse a ocasião, conforme registram cronistas e historiadores daqueles tempos. (LAJOLO E ZILBERMAN, 2007, p. 25)

Nesse sentido, o próximo capítulo abarcará o autor Olavo Bilac e sua produção literária, especialmente, a obra poética dedicada à infância brasileira do Oitocentos e

entre séculos; sem deixar de olhar para a literatura enquanto material estético e o contexto da visão de infância, recém criado no mundo ocidental e em nosso país.

3. OLAVO BILAC: SEU TEMPO E SUAS OBRAS

3.1 A vida do poeta¹

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 16 de dezembro de 1865. Filho do médico e cirurgião Brás Martins dos Guimarães Bilac e Delfina Belmira dos Guimarães Bilac. De acordo com Magalhães Júnior (1907), o poeta fora criado sem a presença do pai, que vivia trabalhando e lutando em guerras. A educação do poeta ficou a encargo das mulheres da casa: a mãe, as irmãs e as escravas da casa.

Foi no Colégio de São Francisco de Paula, no Rio de Janeiro, que sob o regime de palmatória, o menino aprendeu as primeiras letras e, também, onde teve contato com os fantásticos livros do imaginoso francês Júlio Verne. Olavo Bilac também estudou em outra casa de ensino, o Colégio Vitória, na mesma cidade, onde, ainda sob forte regime de instrumento de flagelação, cursou o primário e o de humanidades.

Desde pequeno, Olavo Bilac fora induzido pelo pai a ser médico; ainda cursou medicina por vários anos, mas a falta de vocação e suas inclinações para a vida literária e boêmica, fizeram o poeta abandonar o curso, fato que magoara bastante o seu pai. Mas foi durante a sua passagem pelo curso de medicina que, aos dezessete anos, Olavo Bilac, iniciou a sua carreira poética.

As primeiras manifestações do republicanismo de Bilac foram escritas nos jornais críticos e literários que circulavam na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O poeta fora um dos mais ativos redatores do jornal escolar da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, **Gazeta Acadêmica**, no qual publicou, além de versos, artigos e

¹ As informações sobre a vida do poeta foram retiradas dos livros: LAJOLO, Marisa Philbert. **Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. **Olavo Bilac e sua época**. Rio de Janeiro: Americana, 1974.

SIMÕES JUNIOR. Alvaro Santos. **A sátira do Parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

protestos. Olavo Bilac conquistou um grande passo na sua carreira de escritor e realizou um grande sonho ao publicar na grande folha carioca da época: a **Gazeta de Notícias**².

(Fig. 1 – página ilustrativa do Jornal *Gazeta de Notícias*)



(‘GAZETA DE NOTÍCIAS’, 10 de julho de 1890, p. 1. Fonte: <<http://bndigital.bn.br/acervodigital>> Acesso em: 20 abr. 2015)

Suas contribuições também estiveram presentes em outros Jornais. São eles: **A Estação, A Semana, A Notícia, O Mercúrio**, etc. E Também nas Revistas **Kosmos, A Cigarra, A Bruxa, Revista do Brasil, Fon-Fon**, na qual foi proclamado 'o príncipe dos poetas'.

Traduziu uma série de livros, escreveu críticas e crônicas utilizando vários pseudônimos, entre eles: **Olívio Bivar, Arlequim, Fantásio, Puck, Otávio Bivar, Belial, Asmodeu, Lilith, Astarot, Olavo Oliveira, Phebo-apollo, o diabo coxo, Lucius Flaminius, pe-ho, HYZ, B, Nemrod, Victor Leal, Bob, Tartarin**. Além de membro e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, criou a Cadeira nº. 15, que teve como patrono Gonçalves Dias; foi defensor apaixonado do serviço militar obrigatório, participou da política e de campanhas cívicas.

Segundo Lajolo (1982), Olavo Bilac foi jornalista, publicitário, tradutor, orador, parodista, sonetista, cronista, contista, conferencista, republicano, abolicionista, inspetor de ensino e, sobretudo, poeta. Um poeta que sonhava com um Brasil lotado de escolas,

² A edição do jornal consultada pertence ao acervo da hemeroteca digital da **Fundação Biblioteca Nacional**.

com crianças felizes, estudando a cartilha do abecê, para acabar com o atraso e a miséria.

Desde criança, Olavo Bilac foi direcionado para as aventuras de espírito, deslumbrado pela imprensa, pela poesia e pelo teatro, foi como quase todo homem de letras brasileiro, funcionário público, no qual ocupou cargos ligados à educação. A ligação de Olavo Bilac com o ensino foi significativa. Produziu livros escolares e infantis. Foi inspetor escolar, em 1908, e também assumiu a função de diretor-interino do *Pedagogium*, um instituto de pesquisas pedagógicas.

Quando era inspetor escolar, dirigindo a instrução pública no Rio de Janeiro, no começo do século XX, Olavo Bilac colaborou ativamente na chamada literatura escolar, ou, mais propriamente, em livros escolares adotados nas escolas brasileiras. (ARROYO, 2011, p. 269)

Olavo Bilac envelhece triste e amargurado, e os últimos anos de sua vida foram dedicados à propaganda da educação e do serviço militar obrigatório, realizando conferências por todo o país. Segundo Simões Junior (2007), o poeta faleceu no Rio de Janeiro em 28 de dezembro de 1918, vítima de insuficiência cardíaca, falência dos rins, fígado e edema pulmonar. Foi um grande homem, contudo, foi como poeta que Olavo Bilac se imortalizou.

3.2 A diversificada produção de Olavo Bilac³

Compreender a obra de Bilac é compreender, em primeiro lugar, que o poeta foi sempre um homem solicitado por ela, envolvido por ela, vivendo dela.

Marisa Lajolo

O primeiro livro de Olavo Bilac, **Poesias** (1888), é um volume que inclui três coletâneas: *Panóplias*, *Via-Láctea* e *Sarças de fogo*. A publicação deste livro, no mesmo ano da abolição da escravatura, lhe rendeu fama entre os escritores brasileiros. Na sua segunda edição, em 1902, foram acrescentados às coletâneas: *Alma inquieta*, *As viagens* e *O caçador de esmeraldas*.

³ As informações sobre a produção bilaquiana foram retiradas dos livros: MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. **Olavo Bilac e sua época**. Rio de Janeiro: Americana, 1974.

SIMÕES JUNIOR. Alvaro Santos. **A sátira do Parnaso**: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

Bilac também produziu contos, crônicas, novelas, artigos e conferências. No gênero conto, escreveu **Contos para velhos** (1897) e, em colaboração com Coelho Netto, **Contos pátrios** (1904). No gênero jornalístico, alguns de seus textos produzidos foram reunidos no livro **Crítica e fantasia**, publicado em 1904. Os artigos escritos por ele foram publicados em 1917 no *Boletim da liga da Defesa Nacional*.

Publicava crônicas na coluna semanal da *Gazeta de Notícias*, e também nas revistas ilustradas *A Cigarra*, *A Bruxa* e *Kosmos*, e nos jornais *O Combate*, *Correio Paulistano*, *O Mercúrio* e *O Estado de S. Paulo*. Segundo Simões Junior (2007), Bilac publicou também quatro grandes livros de crônicas, são eles: **Crônicas e novelas** (1893/94), uma sequência de crônicas de ficção, o primeiro da prosa bilaquiana; o segundo é o livro **Vossa Insolência**, que traz várias crônicas publicadas entre dezembro de 1896 e novembro de 1897, em jornais cariocas da época; o terceiro, **Ironia e piedade** (1916); já o livro **Tarde** foi o último a ser escrito pelo poeta e só foi publicado após sua morte, em 1919. Olavo Bilac o havia revisado e dedicado a José do Patrocínio dois meses antes de falecer.

Em parceria com Guimarães Passos, Olavo Bilac escreve **Pimentões** (1897), um romance de teor erótico considerado picante. Publica o livro **Alma Inquieta** (1888), uma coletânea de poemas que abordam temas da sensualidade e realidade da poesia bilaquiana. Em 1906, Olavo Bilac escreve o hino à bandeira brasileira, mais um elemento constituidor da identidade nacional do nosso país.

Dentre os volumes de crítica literária e conferências, temos **Conferências literárias** (1906; 2ª edição aumentada, 1912), **Bocage** (1917) e o volume póstumo **Últimas conferências e discursos** (1924).

Além dessas obras, Olavo Bilac nos deixou também um **Tratado de Versificação** (1905), que foi realizado juntamente com Guimarães Passos. Escreveu com o pseudônimo de Vítor Leal, em colaboração com Pardal Mallet, o romance **O esqueleto: mistérios da Casa de Bragança** (1890); e o romance **Sanatorium** (1977), escrito em parceria com Magalhães de Azevedo. Tratou da segunda edição, revista e aumentada, do **Dicionário de rimas** (1913), de Guimarães Passos. O livro **A defesa nacional**, publicado em 1917, contém as palestras do poeta sobre a importância do engajamento das pessoas renomadas na causa nacionalista. Produziu também um guia de viagem, **Guide des Etats-Unis du Brésil** (1904) em parceria com Guimarães Passos e Bandeira Junior.

Todas essas obras que foram expostas aqui, principalmente as crônicas e conferências, são as mais importantes e significativas da produção em prosa de Bilac. Considerado pela crítica um ilustre poeta, como disserta Scherer (2008):

Para a crítica literária tradicional a resposta é de que Olavo Bilac é o poeta. Ponto. O cronista, o conferencista e qualquer outra faceta que seja reservada aos rodapés ou frases breves. Somente estudos mais recentes começaram a ressaltar a produção em prosa bilaquiana. E como a poesia era a sublime e a crônica mundana, os próprios contemporâneos lhe conferiam o título de grande parnasiano. (SCHERER, 2008, p. 11)

Olavo Bilac se preocupava também com os rumos do país, como a educação, a saúde e a política; e a maneira que ele encontrou para tentar alertar o público das diversas situações que o Brasil se encontrava foi através da escrita, publicando crônicas em jornais e revistas da época. Ele era um defensor da infância e utilizava de seus artifícios como escritor, bastante conhecido e respeitado, para defender os pequenos. Não foi à toa que ele ficou conhecido pela crítica como a figura mais gloriosa dos poetas da época.

Como publicista, Bilac levanta a voz muitas vezes a favor de uma legislação para regulamentar o trabalho infantil, para apoiar a criação de creches, para exigir a ação policial na repressão da exploração de crianças e para denunciar os maus-tratos sofridos pelas crianças, sem nunca perder a capacidade de se indignar e tentar sensibilizar seus leitores para o assunto. (HANSEN, 2011, p. 4)

O que mais incomodava o poeta eram os descasos com a educação e o desrespeito com a infância, que não tinham investimentos necessários para transformar as crianças em bons sujeitos responsáveis pelo futuro da pátria. Franchetti (2009, s/p) mostra que Bilac unia os seus ideais, tanto nas suas propagandas do civismo, como na vida de escritor para “[...] fabricar as normas do convívio social, criar a civilização brasileira e mantê-la unida tal como veio do Império”. A educação para Bilac seguiria um modelo ideal posto pelo militarismo, ou seja, “[...] a educação cívica, firmando-se na instrução primária, profissional e militar”, conforme explica Franchetti (2009, s/p).

O modo irreverente com que Olavo Bilac se apresentava nas suas publicações, dirigidas ao público letrado por meio de veículos como revistas e jornais, foi um destaque para a sua produção. Afirma Hansen (2011):

[...] o humor e a ironia seriam constantes na produção jornalística e literária do autor que para resguardar-se utilizaria vários pseudônimos. Em paralelo à publicação de crônicas provocativas e contos satíricos sob pseudônimo, Olavo Bilac, contudo, ia afirmando seu comprometimento com as questões da infância e da obrigatoriedade do serviço militar [...] (HANSEN, 2011, p. 15)

Talentoso que era em suas crônicas e sátiras, Olavo Bilac defendia a Abolição, o regime republicano, a qualidade do serviço público, investimento em saúde pública, e, sobretudo, o ensino público, gratuito e laico. Também é presente nas crônicas de Bilac um forte sarcasmo, ao atacar o governo e a Igreja. O poeta lutava por um Brasil instruído, acreditando que seriam a escola e o serviço militar obrigatório responsáveis por alfabetizar e civilizar as pessoas. Por isso, o jovem poeta tanto dedicou-se ao ensino primário. A sua contribuição fortaleceu a produção literária infantil da época.

3.3 A produção Infantil de Olavo Bilac: uma literatura escolar

Olavo Bilac foi um dos mais produtivos autores brasileiros de ficção para crianças, considerado o maior representante desse gênero no século XIX. A produção poética infantil bilaquiana foi pensada e escrita para o uso escolar com uma função educativa, cívica e moral.

De acordo com Lajolo (1982), Bilac é um dos autores com maior número de obras de caráter cívico-pedagógico. Além de produzir versos infantis, escreveu livros didáticos, paradidáticos, traduções adaptadas e foi organizador de antologias escolares. A autora afirma, ainda, que a produção infantil bilaquiana estendeu-se por sete livros em doze anos.

Já em 1907, ele havia publicado, de autoria exclusiva ou em colaboração, vários livros de ficção e também didáticos para crianças do ensino primário. São eles: **Livro de Composição** (1899) e **Livro de Leitura** (1901), com Manuel Bomfim; **Contos Pátrios** (1904) e **Teatro Infantil** (1905), com Coelho Netto e **Poesias Infantis** (1904).

Em 1911, publicou **Pátria Brasileira**, com Coelho Netto e, em 1910, o livro **Através do Brasil**, com Manuel Bomfim, que é um dos raríssimos livros de ficção que na época da transição entre o século XIX e XX invadiu as salas de aula e fez partes das leituras escolares do ensino primário. Sua primeira edição foi impressa em Paris, no mesmo ano de sua publicação. Arroyo (2011) comenta como a narrativa desse exemplar aborda o caráter nacional:

Redescobria-se o Brasil pela mágica da bela narrativa de Olavo Bilac e Manuel Bonfim, mostrando-nos não só a paisagem física do País como a paisagem humana, pela criação de tipos inesquecíveis que conviviam com os pequenos leitores a que o livro se destinava. (ARROYO, 2011, p. 272)

Ainda, em colaboração na literatura escolar, Olavo Bilac foi autor da edição revista da **Gramática elementar** (1907), de Hilário Ribeiro, autor da ampliação de mais uma série de literatura escolar, **Pequena história do Brasil** (1905), de Joaquim Maria de Lacerda e, em 1918, ampliou o livro **Lições de História do Brasil**, de Joaquim Manoel de Macedo.

Olavo Bilac também abraçou textos da Europa, dedicando muito trabalho às várias traduções. Segundo Simões Junior (2007), o poeta traduziu **Para todos, A vida das crianças** e **Ride comigo**, em 1902, de Lothar Margendorff. Em 1910, foi o primeiro a traduzir **Juca e Chico**, de Wilhelm Busch, sob o pseudônimo de Fantásio, publicado pela Editora Laemmert & Cia. Nessa perspectiva, Arroyo (2011) aponta que até os anos 60, juntamente com a tradução de Guilherme de Almeida, aquele exemplar era o que estava presente nas livrarias.

Pode-se, ainda, contar com a contribuição bilaquiana na área do teatro infantil. Segundo Arroyo (2011), Olavo Bilac, naquela época, mudou o conceito desse gênero com a criação da peça burlesca *O nariz*. Trata-se de um monólogo que está presente no livro **Teatro Infantil** (1905), o qual traz outros monólogos e comédias em prosa e em verso. A peça foi aprovada pelas crianças devido à facilidade de declamar as poesias e por sair do contexto escolar tradicional.

O comércio dos livros que Olavo Bilac escreveu para crianças teve uma longa durabilidade, graças ao apoio que recebeu da Editora Francisco Alves, uma grande aliada de Olavo Bilac na publicação e divulgação de seus livros. Tal editora publicou vários sucessos do poeta, entre eles, alguns com ilustrações de gravuras para as crianças: **Contos Pátrios** (1904), **Poesias Infantis** (1904), **Teatro infantil** (1905) e **Juca e Chico** (1910).

Poucos eram os livros com ilustrações nessa época, e Olavo Bilac valorizava a difícil arte de ilustrar. O escritor foi um dos pioneiros na utilização lúdica no livro infantil. Ele se preocupava com o desenvolvimento e aprendizado infantil, e, foi através do texto visual, que o poeta percebeu que tornaria a leitura dos pequenos mais prazerosa.

A Primeira República tinha como finalidade específica construir o futuro grandioso do país; e para cumprir esse objetivo foram criados projetos voltados para educação. Assim, as crianças foram objetos e sujeitos privilegiados nessa época, pois consideravam-nas a “semente do novo mundo”. Esse fato influenciou a produção infantil bilaquiana, que queria colocar em prática seus projetos de formação e moralização da pátria. É recorrente se observar nas obras de Olavo Bilac uma forte valorização do serviço militar, por meio da disciplina, honra, estética e cultura física. Verificamos na citação abaixo que:

Olavo Bilac e Coelho Netto foram, sem dúvida, os principais responsáveis pela construção de um modelo masculino que deveria nortear a formação da nacionalidade, o qual estava intimamente associado ao projeto de nação que tinham em mente. [...] recorrente elogio dos personagens/meninos por parecerem homens na desenvoltura, atitudes ou sentimentos, demonstra o quanto era desejável a virilidade precoce da infância brasileira. (HANSEN, 2009, p. 61)

Há uma forte crítica da obra de Olavo Bilac acerca da falta da presença feminina, dos analfabetos e negros, que não tinham vez e voz nas histórias dos seus livros. Como bem cita a estudiosa Hansen (2011):

[...] a “infância brasileira” construída por Bilac é uma categoria excludente. Exclui de imediato os não-alfabetizados, pois são livros cujos protocolos de leitura parecem ser mais apropriados para a leitura individual e silenciosa. Em sua maioria também, excetuando talvez *Poesias Infantis* e *Teatro Infantil*, esses livros excluem as meninas que não encontram qualquer elemento de identificação nessas narrativas. Por fim, crianças não-brancas nunca são protagonistas, no máximo coadjuvantes e sempre em posição subordinada ou dependente. (HANSEN, 2011, p. 10, grifo da autora)

A autora continua, ainda, explicando que essa atitude de Olavo Bilac era coerente com os ideais da época, os quais almejavam uma elite formada por pessoas do sexo masculino, os quais eram exaltados publicamente, dominavam a leitura e a escrita, constituindo, certamente, um modelo para os meninos. A obra de Olavo Bilac foi escrita nesse contexto, em que a sociedade burguesa da época tinha legislações e conceitos diferentes dos de hoje, e acabava por priorizar os meninos e as pessoas mais favorecidas socialmente. O poeta não podia fazer algo diferente disso, pois esse era o momento sociocultural vivido pelo século XIX.

Não consta nas obras de Olavo Bilac qualquer referência a lendas, superstições e características da literatura fantástica. Cordeiro (2005) retrata que os elementos de

superstição, misticismo, folclóricos, e até religiosos foram excluídos da obra bilaquiana como controle à criatividade e imaginação da criança, para assim não atrapalhar os objetivos de formar um cidadão coerente com o sistema cultural daquele tempo. Nesse contexto, no dizer de Cordeiro (2005, p. 32), as obras de Bilac teriam características em comum: “[...] todas deveriam contribuir para a formação cívica e moral das crianças, objetivo esse o mais caro em termos de ideias educativas no período dos dez primeiros anos de República”. Como aponta Hansen (2011) o escritor tinha objetivos claros com sua obra infantil:

[...] a literatura infantil bilaquiana, como qualquer literatura, constrói uma representação de seu leitor. E é nesse sentido que podemos pensar a “infância brasileira” idealizada por Bilac como um projeto. Um projeto que se põe em prática através da produção literária para um público específico e que vai explicitando seus objetivos em muitas outras intervenções públicas do autor. (HANSEN, 2011, pp. 9-10)

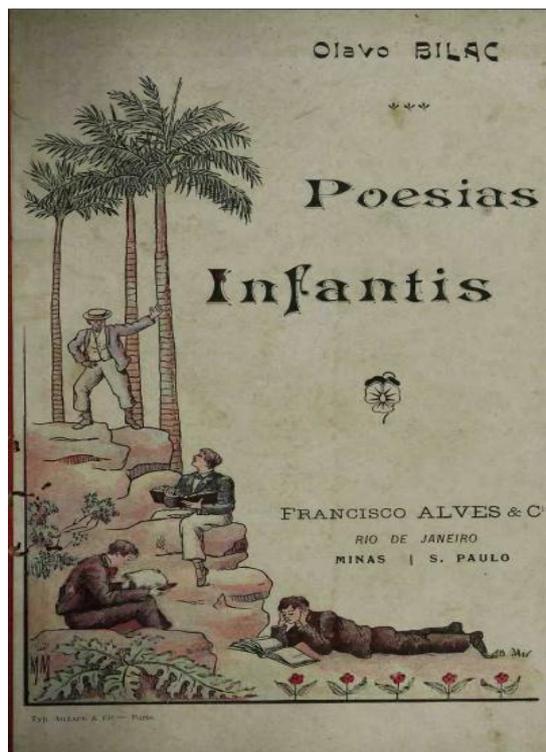
A produção infantil bilaquiana não tinha o objetivo de despertar o imaginário infantil, justamente por estar vinculada à escola e a formação virtuosa das crianças da época, que teria o objetivo de reorganizar a sociedade para o trabalho, sempre voltada para a difusão de valores sociais, cívicos, morais e formação do caráter. Por isso, é comum encontrarmos uma carga de realidade, principalmente, no livro alvo da nossa pesquisa, **Poesias Infantis** (1904), considerado um clássico da poesia infantil tradicional e uma das obras mais significativas do período formativo da nossa literatura infantil. Ela será apresentada no próximo capítulo.

4. O LIVRO *POESIAS INFANTIS*: SUA TRAJETÓRIA E SEU VALOR⁴

A obra poética **Poesias Infantis** (1904) foi o livro de leitura mais corrente nas escolas brasileiras permanecendo por mais de cinco décadas. Ademais, o exemplar é um arquivo histórico sobre a escola republicana brasileira; marca o início da criação literária infantil no Brasil; apresenta, através das poesias, um modelo de comportamento moral que contribuiu para a formação das crianças daquela época; consagra a nossa poesia infantil tradicional; por isso a nossa escolha para estudo. De acordo com Arroyo (2011), a obra foi escrita em 1896, por encomenda da editora Casa Alves & Cia para uso no ensino primário, sendo publicado em 1904. Cordeiro (2005) afirma que a 2^a edição foi em 1908 e a 3^a em 1913. Segundo Hansen (2009) a obra estaria na sua 27^a edição em 1961, ano em que foram encerradas as edições do livro. As diversas edições do livro se justificam por terem sido muito vendidas e adotadas por escolas do Brasil inteiro.

(Fig. 2 – Capa da primeira edição do livro **Poesias Infantis**)

⁴ Utilizamos para análise em nossa pesquisa o *fac-símile* da primeira edição que está disponível para o público no acervo digital da Biblioteca Brasileira, devido a aproximação com o contexto de sua circulação no Brasil, algo que as reedições acabaram perdendo. O exemplar está disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00292400#page/1/mode/1up>> Acesso em: 18 abr. 2015.



(Fonte: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00292400#page/1/mode/1up>> Acesso em: 18 abr. 2015)

De acordo com Cordeiro (2005, p. 61), no ano da primeira publicação, 1904, a obra foi premiada pelo Conselho Superior da Instrução Pública Municipal do Rio de Janeiro. Tal prêmio contribuiu na divulgação do livro e rendeu ao autor “Rs 3:000\$000 (três contos de réis)”. Já em 1908 ele recebeu “[...] Rs 1:500\$, como pagamento do trabalho de "revisão e acréscimos" para nova edição. E, mais adiante, acrescenta como se deu o processo de compra da obra pela editora:

Dentre os contratos analisados por BRAGANÇA, consta o estabelecido com Olavo Bilac sobre a venda de Poesias Infantis. Nesse contrato, datado de 25 de novembro de 1896, ficou estabelecida a “venda da propriedade plena da obra”, modalidade contratual em que o autor cede, plena e definitivamente, os direitos autorais sobre a obra para a editora. Consta ainda no contrato que o autor receberia pelos “direitos autorais pecuniários” a quantia de Rs 2:000\$000 (dois contos de réis), a serem pagos em duas vezes: 50% na data de assinatura do contrato e os outros 50% em 15 de fevereiro de 1897. (CORDEIRO 2005, p. 61)

Cordeiro (2005) aponta que após o grande sucesso do exemplar, ele foi adotado pelo Conselho Superior de Instrução Pública da Capital Federal, na época Rio de Janeiro, e pelos estados de São Paulo, Bahia, Sergipe, Amazonas, Ceará, etc. A autora informa, ainda, que foram encontrados esses dados em propaganda da Livraria Francisco Alves, presentes na edição de 1913 do livro.

As ilustrações contidas no livro são assinadas por M.M., sem mais nenhuma informação sobre o ilustrador ou ilustradores em todo o livro. Sobre elas, Arroyo (2011, p. 274) destaca: “De Olavo Bilac, com ilustrações em preto e branco, capa em cores, teríamos as Poesias infantis, que encantaram os meninos de todo o Brasil”. Na capa (vide fig. 2) contêm rapazes com vestimentas elegantes e bem cuidados, que podemos comparar a homens e não a crianças. Segundo Hansen (2007) esse tipo de ilustração comprova a valorização da precocidade da criança no início do século XX. Assim, a ilustração da capa pode ser entendida como um meio de propagação da idealização republicana.

A obra é uma coleção composta por 50 poesias e 4 fábulas, que também se apresentam em versos. No livro, são encontrados diversos temas, dentre eles: a natureza, a virtude, a memória, o tempo, o trabalho, etc. Lajolo (1982) comenta sobre a disposição das poesias do livro, em que o autor agrupa poemas que têm traços em comum, como as poesias horárias e calendárias, as fases da vida humana, os elementos da natureza, assuntos religiosos, o elemento virtuoso e as adaptações das fábulas de Esopo.

Esse exemplar foi um dos mais importantes do gênero poético brasileiro para a infância que tinha disponível nas escolas, no século XX. A apologia à criança passiva, obediente, desvitalizada, se fazia presentes nas poesias. Vejamos:

Os temas mencionados são laboriosamente manipulados para induzir o leitor-mirim a acatar as mensagens transmitidas, em geral relacionadas a comportamentos condizentes com a meta de inseri-lo em um mundo cujo tempo é ocupado pelo trabalho, pelo estudo e pelo culto à pátria, à religião e à família. Assim, os valores propagados deveriam ser pautados no estereótipo da criança modelar: obediente, comportada, estudiosa, passiva, virtuosa, ou seja, uma criança cuja existência só se torna possível no plano da idealização. (ANDO E SILVA, 2004, p. 37)

Segundo Cordeiro (2004), apesar do livro **Poesias Infantis** (1904), ter sido publicado pela última vez no início dos anos 60, algumas das poesias do exemplar, por muitos anos, fez parte do livro didático de diversas disciplinas, contribuindo com a educação das crianças do nosso país “[...] como ornato perfeito às datas cívicas sob a forma de jograis, cartazes e outras tantas práticas e rituais [...]” (CORDEIRO, 2004, p. 2). A longevidade das poesias infantis de Olavo Bilac nos faz ressaltar a importância delas para a nossa literatura.

Devemos destacar ainda que Olavo Bilac declarava seu amor pela Língua Portuguesa, e defendia o uso padrão do idioma. E isso é comprovado na forma e beleza dos versos contidos em **Poesias infantis** (1904). Ele a considerava (a Língua Portuguesa) o principal símbolo de nacionalidade que libertaria o homem e acreditava que era pelo ensino básico que deveria ser feita a sua preservação, através da escolarização das crianças.

A presença deste livro na sociedade tradicional revela o modo como se desejava que as crianças fossem educadas e o que os adultos esperavam delas, enquanto seres em formação, de acordo com os valores determinados no período de consolidação de sistemas.

4.1 *Poesias Infantis* e a crítica

Durante nossa pesquisa encontramos poucos trabalhos centrados na obra infantil bilaciana, particularmente na obra **Poesias Infantis** (1904). Na tese de Lajolo (1982), *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*, **Poesias Infantis** (1904) tem seu devido espaço, em que a autora trabalha os diversos temas inseridos na obra, como: patriotismo, natureza, religião, família, obediência, etc.

A estudiosa também ressalta que os traços de cunho professoral e filosofante presentes nas poesias, seriam a intenção de Bilac em educar o ouvido da criança. Ela nos revela que a forma como as poesias estão organizadas no livro reforça seu caráter didático e confere ao livro um sabor de antologia tematicamente organizada. Destaca, também, que a sistematização dos processos retóricos, a otimização na linguagem, a musicalidade e o ritmo das poesias facilitam a memorização. Ela aponta também a eficiência persuasória do autor e os recursos que ele utiliza para trabalhar o locutor que ora se aproxima, ora se afasta do leitor.

No artigo intitulado *Infância como projeto. Nacionalismo, sensibilidades e etapas da vida em Olavo Bilac*, Patrícia Santos Hansen (2011) mostra a questão do reconhecimento da criança como ser social e também a falta de recursos para educá-las. Daí vem o destaque da figura de Bilac, que sempre trabalhou para regularizar o trabalho infantil, denunciou os maus-tratos dos menores e apoiou a abertura de escolas para eles. Ela destaca, ainda, que Bilac foi um dos maiores autores brasileiros de livros de ficção e didáticos para crianças do entre séculos.

Nos mostra também o objetivo dos livros de Bilac, que era a ênfase no modelo militar do soldado como ideal de masculinidade, como já vimos anteriormente. Ou seja, a infância brasileira era baseada no modelo masculino, onde eram excluídos meninas, analfabetos e negros. Hansen (2011) traz, ainda, o estudo que fez do livro **Poesias Infantis** (1904), de Olavo Bilac, em que destaca a intenção do poeta ao escrever esse livro, isto é, determinar o protagonismo da infância e da juventude na formação do novo modelo de homem brasileiro.

Na dissertação *Dando Vida a Uma Raiz: O Ideário Pedagógico da Primeira República*, a professora Andréa Bezerra Cordeiro (2005) realiza um estudo acerca da situação da criança, da formação da escola e da oficialização da literatura brasileira durante o século XIX. A autora destaca que foi durante a virada dos séculos que aumentaram as divulgações de propostas e modelos para a infância, vinculados às ideias de formação e moralização da pátria. A análise traz a contribuição de Olavo Bilac nas produções de suas obras didáticas. Ainda, a autora realiza o estudo das poesias e ilustrações que compõem o livro **Poesias Infantis** (1904), a partir da ótica da literatura dirigida à escolarização da criança daquela época.

Outro trabalho que explora a imagem da criança na poesia infantil bilaquiana é o artigo de Ando e Silva (2004). As autoras mostram o resgate da imagem infantil na gênese da poesia brasileira para crianças na virada do século XIX e XX. Um dos livros também analisados pelas autoras foi **Poesias infantis** (1904), elas abordam o estudo do livro, considerado uma cartilha educativa e doutrinária, que valorizava a criança obediente, desvitalizada e passiva. As autoras destacam também a figura de Olavo Bilac como educador e valorizador da literatura infantil.

As análises dos trabalhos citados contribuíram para o estudo sobre o livro alvo de nossa pesquisa. Elas nos ajudaram a perceber as variadas qualidades do poeta e de sua obra, em particular sobre as poesias, que são muito maiores do que o civismo pregado por muito críticos. Cordeiro (2004) ressalta a importância de analisar o livro:

Creio na validade da opção em analisar esta obra, produzida para uso escolar por Bilac, por entendê-la como partícipe do processo de escolarização na primeira república, como parcela da memória sobre a escolar republicana, e talvez, como lugar de memória [...] (CORDEIRO 2004, p.1)

Ainda sobre a importância de trabalhar a poesia bilaquiana, Arroyo (2011), em sua primeira edição, nos anos 60, afirma:

Não se pode deixar de reconhecer em Olavo Bilac um profundo sentido de comunicação com as crianças. Sua poesia ainda hoje é admirada, amada e lida, constituindo-se em peças recitativas obrigatórias de festas escolares e reuniões familiares. (ARROYO, 2011, pp. 269-270)

Nesse sentido, para completar o significado e a relevância de nossa pesquisa, pretendemos conhecer e divulgar ainda mais o legado deixado por Bilac a partir da análise de suas poesias na obra **Poesias infantis** (1904). Nossa intenção é lançar sobre esse exemplar um olhar investigativo, sabendo que a obra atravessou mudanças de gerações e de regimes políticos.

O nosso trabalho tem como proposta analisar poesias da obra **Poesias Infantis** (1904) que demonstram ter a presença do moralismo como padrão de comportamento ligado à questão da obediência infantil, do resgate da imagem infantil e do caráter pedagógico. Desse modo, o próximo tópico apresenta a análise dessas poesias, procurando compreender a visão de infância predominante no século XIX.

4.2 O moralismo em *Poesias Infantis*

O que o auctor deseja é que se reconheça n'este pequeno volume, não o trabalho de um artista, mas a boa vontade com que um brasileiro quíz contribuir com a educação moral das creanças do seu paíz.

Olavo Bilac

No início do período republicano, no século XIX, a educação foi uma das prioridades e as crianças foram o grande alvo dos idealizadores da República brasileira (LAJOLO, 1982). Acreditava-se que “O período da infância era, pois, visto como uma época de carências e falhas que a educação rigorosa deveria sanar” (COELHO, 1995, p. 26). Essa preparação para o futuro era proporcionada, além da família, pelos *livros de leituras* que, segundo Arroyo (2011, p. 124), era um “[...] livro útil e funcional, de objetivo eminentemente didático”.

Esses livros escolares eram um importante veículo para a difusão das ideias de nação, civismo, cidadania, ética e moral republicana. Sendo responsáveis por transmitir quatro tipos de valores ideológicos, que, segundo Coelho (2010) são: o *Nacionalismo*,

que era a valorização da pátria e seus elementos como a língua portuguesa, culto das origens e o amor pela terra; o *Intelectualismo*, que valorizava o estudo, os livros e o saber; o *Tradicionalismo cultural*, que era a valorização dos grandes autores e obras literárias que serviam de modelo cultural; e, o *Moralismo e a religiosidade*, isto é, “exigência absoluta de retidão de caráter, honestidade, solidariedade, fraternidade, pureza de corpo e alma, dentro dos preceitos cristãos” (COELHO, 2010, p. 224).

A obra **Poesias Infantis** (1904) foi adotada como livro de leitura por escolas públicas no início do século XX⁵. Ele tematiza a família, a pátria, a religião, o trabalho, os animais, as fases da vida, contudo, a partir daqui vamos nos ater à questão do moralismo, ligado ao comportamento infantil e ao modo como é construída a imagem da criança presente no livro em questão. Apontar esses valores ideológicos na nossa pesquisa foi de fundamental importância, pois foram os pilares da sociedade tradicional e não podemos deixar de refletir sobre eles, principalmente, na formação da infância que recentemente havia recebido um *status* de respeito e importância social e histórica.

Os preceitos morais da época, apresentados por Olavo Bilac em **Poesias Infantis** (1904) reforçam a predominância desse valor na sociedade do entre séculos, como bem explica Coelho (2000, p. 230): “[...] a literatura oferecida “oficialmente” aos educandos nas escolas obedecia ao *espírito da época* ou à mentalidade dominante na sociedade” (grifo da autora).

Segundo Hansen (2007, p. 214) esperava-se das crianças “[...] maturidade, virtude, patriotismo e virilidade [...]”. As poesias passavam conhecimentos que visavam reger os pequenos através de modelos de comportamento e valores condizentes com a época, que eram os cívicos, morais e religiosos ditados pelo contexto social.

A sociedade, para atender aos ideais republicanos, tinha necessidade de formar uma criança obediente e virtuosa, por isso elas eram vistas como um adulto em formação. É o que Coelho (1995, p. 26) chama de *Adultocentrismo*, em que a criança “[...] precisava vencer o mais rapidamente possível sua imaturidade ou inabilidade para pensar ou agir como adulto.” E para formar esse modelo de indivíduo, as poesias eram uma excelente cartilha de boas maneiras; como afirma Lajolo (1982, p. 127), contribuíam para “[...] imposição de um modelo de comportamento: a conduta exemplar é insinuada, ordenada, manifestada [...]”.

⁵ A publicação da obra data o século XX, porém ela apresenta características ligadas às produções oitocentistas.

Separamos algumas composições poéticas da obra **Poesias infantis** (1904), nas quais o moralismo voltado para a conduta exemplar mostra-se bastante saliente. Procuramos mostrar de que modo elas contribuía para a educação voltada à difusão de valores da época. São elas: “A boneca”, “A borboleta”, “Justiça”, “O remédio”, e “Anno-Bom”; e, que, visivelmente, transmitem imagens moralistas através de duas formas: por meio da valorização de uma criança exemplar ou pela crítica a uma criança desobediente. Segundo Coelho (1995), esses temas eram privilegiados nas narrativas infantis por fazerem parte dos pensamentos tradicionais. Lembrando que, para esta análise, utilizamos o *fac-símile* da primeira edição⁶. Portanto, foi mantida a ortografia da época em todas as citações das poesias analisadas.

Na composição “A Boneca”, é verificada uma crítica às inconsequentes travessuras e ao desejo possessivo de duas meninas por uma boneca. Coelho (1995, p. 25) mostra que “[...] as divertidas ou inconsequentes travessuras infantis, sempre foram castigadas ou censuradas quando resultantes de atos de desobediência ou de desejos de aventuras e liberdades”. Vejamos a poesia na íntegra:

(Fig. 3 – Poesia *A Boneca*)



A Boneca

Deixando a bola e a petéca,
Com que inda ha pouco brincavam,
Por causa de uma boneca,
Duas meninas brigavam.

Dizia a primeira : « É minha ! »
— « É minha ! » a outra gritava ;
E nenhuma se continha,
Nem a boneca largava.

28

POESIAS INFANTIS

Quem mais soffria (coitada !)
Era a boneca. Já tinha
Toda a roupa estraçalhada,
E amarrotada a carinha.

Tanto puxavam por ella,
Que a pobre rasgou-se ao meio,
Perdendo a estôpa amarella
Que lhe formava o recheio.

E, ao fim de tanta fadiga,
Voltando á bola e á petéca,
Ambas, por causa da briga,
Ficaram sem a boneca...



(Fonte: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00292400#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 18 abr. 2015 (1904, pp. 27-28))

⁶ Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00292400#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 18 abr. 2015

Pode-se apontar nesse gênero poético uma reflexão educativa de que, para não ser castigado, era preciso ser bom e obediente. Devido os atos travessos, como “castigo”, as meninas desobedientes perderam a tão cobiçada boneca. Vejamos nos versos abaixo:

[...]
Toda a roupa estraçalhada,
E amarrotada a carinha.

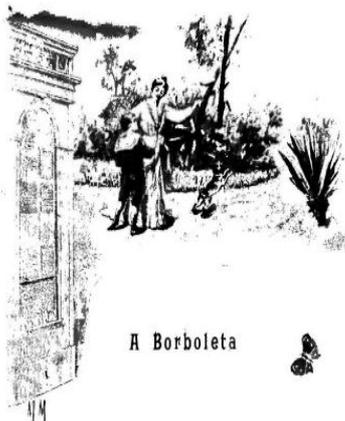
Tanto puxavam por ella,
Que a pobre rasgou-se ao meio
[...]

(BILAC, 1904, p. 28)

A destruição da boneca é um símbolo que serve de lição para as crianças. Entretanto, é importante notar na poesia o seu efeito moral, que resulta da má conduta realizada por elas que acabam por perder a tão sonhada boneca. Conforme citamos no segundo capítulo, Bordini (1991) já avaliava que as poesias infantis tinham a intenção de ensinar condutas aos pequenos dentro das convenções que eram determinadas pelos adultos.

Na poesia “A borboleta”, o eu poemático é de uma mãe que transmite lições didático-moralistas a seu filho. A vontade maternal nessa poesia é apontada por Lajolo (1982, p. 103), em que se apregoa o desejo “[...] da justiça, da bondade, da gratidão, etc. [...]”.

(Fig. 4 - Poesia *A Borboleta*)



A Borboleta

Trazendo uma borboleta,
Volta Alfredo para casa.
Como é linda! é toda preta,
Com listas douradas na aza.

Tonta, nas mãos da criança,
Batendo as azas, n'um susto,
Quer fugir, porfia, cança,
E treme, e respira a custo.

18

POESIAS INFANTIS

Contente, o menino grita :
« É a primeira que apanho,
« Mamãe! vê como é bonita!
« Que côres e que tamanho!

« Como voava n'õ matto!
« Vou sem demora pregal-a
« Por baixo do meu retrato,
« N'uma parede da sala ».

Mas a mamãe, com carinho,
Lhe diz : « Que mal te fazia,
« Meu filho, esse animalzinho,
« Que livre é alegre vivia?

« Solta essa pobre coitada!
« Larga-lhe as azas, Alfredo!
« Vê como treme assustada...
« Vê como treme de medo...

« Para sem pena espetal-a
« N'uma parede, menino,

A BORBOLETA

19

« É necessario mata-la :
« Queres ser um assassino? »

Pensa Alfredo... E, de repente,
Solta a borboleta... E ella
Abre as azas livremente,
E foge pela janella.

« Assim, meu filho! perdeste
« A borboleta dourada,
« Porém na estima cresceste
« De tua mãe adorada...

« Que cada um cumpra a sorte
« Das mãos de Deus recebida :
« Pois só pode dar a Morte
« Aquelle que dá a Vida. »

¶

(Fonte: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00292400#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 18 abr. 2015 (1904, pp. 17-19))

No poema, Alfredo vem trazendo uma pobre borboleta que se debatia em suas mãos quando a mãe faz o seguinte questionamento, em que Lajolo (1982) chama de mandonismo do discurso literário escolar:

[...]
Que mal te fazia,
Meu filho, esse animalzinho,
Que livre e alegre vivia?
[...]

(BILAC, 1904, p. 18)

Um dos temas abordados pela literatura cívica e propagado pelo período de consolidação de sistemas é a de que não deveria maltratar os animais (Lajolo, 1982). E a mãe tenta, por meios persuasivos, passar para o seu filho Alfredo, essa questão:

[...]
Queres ser um assassino?

Pensa Alfredo... E, de repente,
Solta a borboleta

[...]

(BILAC, 1904, p. 18)

O silêncio de Alfredo mostra que sua mãe conseguiu com a palavra negativa ‘assassino’ o que queria: que seu filho avaliasse suas atitudes e fosse justo, bondoso e obediente. Conforme Ando (2008 p. 56), a poesia bilaquiana seguiria os moldes da estrutura familiar burguesa, em que a mulher tinha função de cuidar do lar e dos filhos, e a estes, conseqüentemente, caberia “[...] o dever de estudar, serem bons cidadãos e filhos exemplares”. Vejamos que o autor lança mão de vários artifícios para se aproximar do leitor, como por exemplo: brinquedos, animais e a figura materna. O discurso da mãe anteriormente mencionado aparece de forma mais evidente na poesia “Justiça”. Observa-se, também, que o autor recorre a um novo meio que é escola, para passar uma visão de criança obediente e estudiosa. Vamos à poesia:

(Fig. 5 - Poesia *Justiça*)



Justiça

Chega à casa, chorando, o Oscar. Abraça
Em prantos a Mamãe.

« Que foi, meu filho ? »

— « Succedeu-me, Mamãe, uma desgraça !
« Outros, no meu collegio, com mais brilho,
« Tiveram premios, livros e medalhas...
« Só eu não tive nada ! »

60 POESIAS INFANTIS

— « Mas porque não trabalhas ?
« Porque é que, a uma existencia dedicada
« Ao trabalho e ao estudo,
« Preferes os passeios ociosos ?
« Os outros, filho, mais estudiosos,
« Pelas suas lições despresam tudo...
« Pois querias então que, vadiando,
« Os outros humilhasses,
« E que, os melhores premios conquistando,
« Mais que os outros brilhasses ?
« Para outra vez, ao teu prazer prefere
« O estudo ! e o premio alcançarás sem custo :
« E aprende : mesmo quando isso te fere,
« É preciso ser justo ! »



(Fonte: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00292400#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 18 abr. 2015 (1904, pp. 59-60))

Nessa composição, percebemos que o discurso a favor do intelectualismo – um dos valores propagados durante o período de consolidação de sistemas (COELHO, 2010) – é passado também por uma mãe dedicada que repreende o filho após chegar irritado por ser o único aluno que não ganhou nenhuma premiação na escola. A mãe faz a seguinte pergunta retórica:

[...]

Porque é que, a uma existencia dedicada
 Ao trabalho e ao estudo,
 Preferes os passeios ociosos?
 [...]

(BILAC, 1904, p. 60)

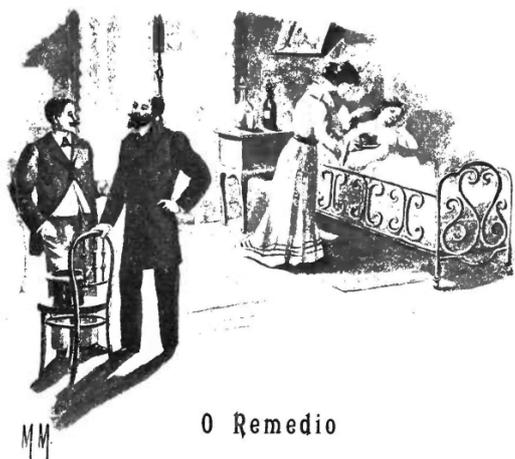
Observamos que a figura materna tinha como a principal ocupação tarefas educativas dentro do ambiente doméstico, em que sempre havia dedicação e abnegação para com os filhos. Nesse sentido, Ando (2008, p. 51) afirma que “[...] A lição transmitida ao filho e, por extensão, à criança leitora, vem, mais uma vez, da mãe, cujas palavras, em vez de incentivar o filho, parecem estar mais voltadas a puni-lo e humilhá-lo [...]”. Na perspectiva contemporânea, podemos dizer que a mãe queria punir e humilhar o seu filho, porém não podemos afirmar que isso acontecia no período em que foi escrita essa poesia, ou seja, não podemos julgar a obra com os olhos de hoje, pois os padrões de ensinamentos obedeciam aos ideais da época. No fim da poesia podemos observar no discurso da mãe que conclui a lição que deseja passar para o filho apontando os males da ociosidade:

[...]
 E aprende: mesmo quando isso te fere,
 É preciso ser justo!

(BILAC, 1904, p. 60)

A criança deveria observar que para receber grandes prêmios e ser reconhecido, teria de ser estudiosa para ganhar recompensas. Há um direcionamento na poesia para a importância das crianças terem contato com os livros e um bom comportamento escolar, assim, fazendo com que elas tenham uma construção perfeita e a ascensão econômica através do saber, e, por ter desempenhado importante papel na educação das crianças, a poesia contribuiu na concepção da imagem desejada da criança dessa época.

Nesta outra composição, “O Remedio”, percebe-se que o tema trata de algo bem direcionado à criança, um temor tipicamente infantil: tomar remédios. Na historieta em versos temos a figura da menina Amelinha que se recusa a tomar o remédio e só aceita que isso aconteça após ver a mãe chorando. Vejamos a poesia:

(Fig. 6 - Poesia *O Remedio*)

O Remedio

A Amelinha está doente,
Chora, tem febre, delira;
Em casa, está toda gente
Afflicta, e geme, e suspira.

Chega o medico e a examina.
Tocando a fronte abrazada,
E o pulso da pequenina,
Diz alegre: « Não é nada!

O REMEDIO

57

— « Não quero! »

Promettem tudo :

Livros de figuras cheios,
Um vestido de velludo,
Brinquedos, joias, passeios...

Teima Amelinha. Faz manha.
E diz o pae, já com tedio :
— « Menina! você apanha,
Se não toma este remedio! »

E nada! a menina grita,
Sem querer obedecer.
Mas nisto, a mamãe afflicta,
Põe-se a gemer e a chorar.

56

POESIAS INFANTÍS

« Vou lhe dar uma receita:
« Amanhã, o mais tardar,
« Já de saúde perfeita,
« Ha de sorrir e brincar. »

Vem o remedio. Amelinha
Grita, faz manha, esperneia :
« Não quero! »

O pae se avisinha,
Mostrando-lhe a colher cheia :

« Toma o remedio, querida!
« Dar-te-hei como recompensa,
« Uma boneca vestida
« De seda e rendas, immensa... »

— « Não quero! »

Chega a titia :

« Amelia é boa, não é?
« Se fosse boa, teria
« Toda uma arca de Noé. »

POESIAS INFANTÍS

58

— « Então? mau gosto sentiste? »
Diz o pae... E ella, apressada :
— « Para não ver mamãe triste,
« Não sinto mau gosto em nada! »



(Fonte: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00292400#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 18 abr. 2015 (1904, pp.55-58))

A mãe da criança torna-se vencedora pelo choro, E a fragilidade materna comove a filha, que em seguida a obedece. Lajolo (1982, p. 103) afirma que “[...] a

posição da mãe é, ao mesmo tempo, sentimental e chantagista [...]”. Ando e Silva (2004, p. 37) afirmam que “[...] A criança-leitora, ao deparar-se com esse dedicado amor filial, é induzida a adotar o mesmo comportamento. [...]”. Como podemos observar nos seguintes versos:

[...]
Mas nisto, a mamãe afflicta,
Põe-se a gemer e a chorar.

Logo Amelinha, callada,
Mansa, a colher segurando,
Sem já se queixar de nada,
Vae o remedio tomando.
[...]

(BILAC, 1904, p. 60)

Percebemos um direcionamento na poesia para a transmissão da valorização familiar e para a importância do afeto, sempre pautada na obediência. Coelho (1995, p. 25) afirma que a obediência tradicionalmente é entendida “[...] como uma das virtudes fundamentais da condição humana e, conseqüentemente, a desobediência, um dos gestos mais execrados e perseguidos pela sociedade tradicional, essencialmente hierárquica e autoritária [...]”.

Também é verificado na composição “Anno-Bom” a relação de criança com os parentes. Tal relação pauta-se nos valores do moralismo e da religiosidade, que como já apontado no início do capítulo, trata-se de retidão de caráter, honestidade, solidariedade, fraternidade, pureza do corpo e da alma, seguindo os preceitos cristãos (COELHO, 2010). Vejamos a poesia na íntegra:

(Fig. 7 - Poesia *Anno-Bom*)

Anno-Bom. De madrugada,
Bebê desperta, e, assustada,
Avista um vulto na cama.
Que será? Que medo! E, tonta,
Eis que Bebê se amedronta,
Chora, grita, chama, chama...

Mas, quando se abre a cortina,
Quando o quarto se ilumina,
Bebê, de pasmo ferida,

98

POESIAS INFANTIS

Vê que o medo não é justo :
Pois a causa de seu susto
É uma boneca vestida.

Que linda! é gorda e corada,
Tem cabelleira dourada
E olhos cõr do firmamento...
Põe-na no collo a creança,
E de olhal-a não se cança,
Beijando-a a todo o momento.

Nisto a mamãe aparece.
Como Bebê lhe agradece,
Com beijos, risos e abraços!
— Porém, logo, de repente,
Diz à mamãe, tristemente,
Prendendo-a muito nos braços :

« Mamãe! como sou ingrata!
« Com tantos mimos me trata,
« Tão bõa, tão dedicada!

ANNO-BOM

99

« Dã-me vestidos e fitas,
« Dã-me bonecas bonitas,
« E eu, mamãe, não lhe dou nada!... »

« Tolinha! (a mãe diz, numr beijo)
« As festas que eu mais desejo,
« Ó minha filha, são estas :
« A tua meiga bondade
« E a tua felicidade...
« Não quero melhores festas! »



(Fonte: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00292400#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 18 abr. 2015 (1904, pp. 97-99))

No trecho abaixo destacado, percebemos a voz poética da criança que se redime diante de sua mãe, a qual assume um papel fundamental no núcleo familiar, o que mais uma vez reforça o modelo de comportamento que os adultos esperavam das crianças. Vejamos que a linguagem poética é utilizada pra transmitir modelos de conduta moral para os pequenos:

[...]
Mamãe! como sou ingrata!
Com tantos mimos me trata,
Tão boa, tão dedicada!
Dã-me vestidos e fitas,
Dã-me bonecas bonitas,
E eu, mamãe, não lhe dou nada!
[...]

(BILAC, 1904, p. 60)

Como já anteriormente foi referido por Rosa (2009), a poesia é responsável por introduzir valores, morais e familiares, às crianças que seriam os homens do amanhã.

Podemos verificar nas poesias que foram analisadas a presença de protagonistas crianças, em que a mãe ou outros sujeitos envolvidos tentam corrigir e direcionar os

pequenos para um comportamento regrado e exemplar, ou seja, as composições concentram-se na transmissão dos valores morais e na formação do caráter, sendo possível identificar um apelo ao modelo de conduta que a criança deveria imitar e exercer.

Retomando a consideração de Cordeiro (2005), todos deveriam contribuir com a formação moral das crianças, por isso encontramos um direcionamento para esse comportamento transmitido, não só pela escola, mas também pela família, que nessa época passou a se preocupar com a formação das crianças.

Lajolo (1982, p. 123) afirma que Olavo Bilac foi um defensor da pátria e do amor à escola, assim como, da família e da obediência filial – valores que, supostamente, Olavo Bilac pretendia impor aos leitores infantis, de que a partir de bons comportamentos viram grandes recompensas. A forma como as poesias são apresentadas no livro, mostra a eficiência do autor em inculcá-las na cabeça dos leitores. Lajolo (1982) discorre sobre a fácil aceitação da poesia bilaquiana:

A ostensiva musicalidade e o ritmo tornam o texto versificado de comunicação muito mais imediata do que o texto em prosa, pois a relação que o verso estabelece com seu leitor/ouvinte é lúdica e sensorial, fazendo passar para segundo plano a mediação racional. Isso se acentua nos tais versos bilaquianos já prometidamente singelos (ou simplórios), cujos teor simplificado facilita a memorização. (LAJOLO, 1982, p. 123)

Não podemos deixar de destacar a preocupação do autor em trabalhar com elementos tipicamente infantis, como por exemplo, os brinquedos, animais, o ambiente escolar e também com a rima e a melodia. Esses recursos estéticos utilizados pelo autor mostram a necessidade que ele tinha de aproximar a poesia ao mundo infantil, lançando mão desses elementos que fazem parte do mundo íntimo das crianças. Lajolo (1982) afirma que é uma forma de Bilac dialogar com o leitor, e por isso a grande aceitação popular de suas poesias, que estiveram presentes nas escolas por mais de cinco décadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da construção deste trabalho, reconhecemos e divulgamos o grande feito de um homem de letras para a nossa literatura escolar no século XIX. Até então, não se tinha a preocupação de aproximar o texto escolar ao mundo infantil, e Olavo Bilac preocupou-se em trazer elementos que fazem parte do mundo da criança para a sua poesia, ele tentou sair da pedagogia, mas é por esse viés que o poeta foi reconhecido, numa época em que o vínculo da literatura infantil com a educação atendia aos preceitos determinados pelo novo regime. Como afirma Coelho (2000), a opção dos autores em trabalhar tendências predominantes de suas épocas não é o seu desejo pessoal, e sim uma eventual opção.

Como foi possível observar, as poesias revelam uma tentativa de preservação de determinados valores morais e éticos do sistema cultural daquele tempo. Elas contribuíam, ainda, com a aprendizagem da leitura, da língua e da escrita. Há em **Poesias Infantis** (1904) composições com o objetivo de formação do caráter nos moldes da Primeira República, em que a bondade, a fé, o amor à pátria e a obediência são exaltados. Desse modo, podemos dizer que essa manifestação artística teve uma grande contribuição na construção da imagem da criança finissecular.

O estudo das cinco poesias exploradas evidenciou a visão circulante relativa à criança prevista naquela época, a partir de representações sociais, morais e cívicas, atreladas à formação virtuosa das crianças oitocentista. O conjunto de virtudes e comportamentos a serem injetados nas crianças através das poesias representa uma tentativa da literatura cívica em regenerar a moral da sociedade brasileira. Por isso, as normas de condutas eram vistas como um modelo esperado que as crianças conhecessem, acreditassem e seguissem.

Acreditamos que esta pesquisa tenha alcançado seus objetivos de estudar a visão da infância no Oitocentos, trazendo a descoberta da infância à literatura infantil brasileira; a riqueza e o valor da poesia infantil tradicional; a contribuição para a literatura escolar e intencionalidade de Olavo Bilac, que era tanto estética como ética. Por fim, mostramos o valor do livro **Poesias Infantis** (1904), sabendo que ele corresponde aos modelos e parâmetros do seu contexto temporal e cultural, e a análise de poesias, que com o devido cuidado procuramos entendê-las como parte de um momento cultural e político datado.

Preocupamo-nos em não fomentar uma visão apenas moralista das poesias, mas sim mostrar a riqueza estética da obra que também contribuiu para ela perdurar por mais de cinco décadas nas escolas de diversos estados brasileiros. Podemos afirmar que, dentre as muitas lições sobre as virtudes morais, as poesias bilaquiana contribuíram para a formação inicial da criança brasileira e visão de mundo a ser transmitida a elas. Como já apontava Lajolo (1982), a literatura escolar, do período em questão cumpre a função de instrumento de formação do cidadão e da formação do leitor.

Consideramos que este trabalho seja de relevância para a área de literatura infantojuvenil. Pesquisar sobre Olavo Bilac é uma satisfação e também um desafio, mas resgatar o valor de um livro que foi adotado em instituições escolares públicas no país por mais de cinquenta anos mostrou que além de propagar o que interessava ao sistema educacional daquele tempo, a obra permitiu ao seu público uma leitura prazerosa. E Foi assim, desde o século XIX, que essa literatura escolar, feita especialmente para os pequenos, se engatinhava e marcava o início de uma literatura infantil genuinamente brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDO, Marta Yumi. *Entre Filhos e Panelas: A Imagem da Mulher na Lírica Bilaquiana*. In: **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários** Volume 13 (Out. 2008) – ISSN 1678-2054. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>>. Acesso em: 18 Jul. 2015.

ANDO, Marta Yumi; SILVA, Rosa Maria Graciotto. *A imagem da criança nas líricas infantis de Olavo Bilac e de Vinicius de Moraes*. Universidade Estadual de Maringá. **Revista Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**. v. 26, no. 1, pp. 35-47, 2004. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/1597/911>>. Acesso em 15 abr. 2015.

ARIÈS, Philippe. *O sentimento da infância*. In: _____. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. pp. 29-164.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3 ed. rev. e ampliada. São Paulo: UNESP, 2011.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. *Infância, Infâncias*. In: _____. **Por Amor & Por Força: Rotinas na Educação Infantil**. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, 2000. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=vtls000219024>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

BILAC, Olavo. **Poesias Infantis**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Francisco Alves, 1904. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00292400#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

BORDINI, Maria da Glória. **Poesia Infantil**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. *Brasil-Século XIX*. In: _____. **Dicionário Crítico de Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: Séculos XIX e XX**. 4. ed. ver. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. 5. Ed. revisada e atualizada São Paulo: Amarilys, 2010.

COELHO, Novaes Nelly. **Literatura infantil: teoria e análise didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CORDEIRO, Andréa Bezerra. **Dando vida a uma raiz: O ideário pedagógico da Primeira República na Poesia Infantil de Olavo Bilac**. Dissertação - Universidade Federal do Paraná. Faculdade de Educação, 2005. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/6028/andrea.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

CORDEIRO, Andréa Bezerra. **Memória, Nação e Escolarização: Apologia à Memória Nacional em “Poesias Infantis” (1904) de Olavo Bilac**. I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/andreabezerracordeiro.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

CORDEIRO, Sandro da Silva; COELHO, Maria das Graças Pinto. **Descortinando O Conceito De Infância Na História: Do Passado À Contemporaneidade**. VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, Trabalho Completo, Minas Gerais, 2006. Disponível em: <<http://www.botucatu.com.br/portal/anexo/SandroSilvaCordeiro.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

FONTES, Rejane de S. *A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital*. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 29, 2005, pp. 119-138, Maio/Jun/Jul/Ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a10.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

FRANCHETTI, Paulo. **Olavo Bilac e a unidade do Brasil republicano**. 05 abr. 2009. Disponível em: <<http://sibila.com.br/mapa-da-lingua/olavo-bilac/2736>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: 10 de julho de 1890, p. 1 Disponível em <<http://bndigital.bn.br/acervodigital>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

HANSEN, Patrícia Santos. **Autores, editores, leitores: O que os livros cívicos para crianças da Primeira República dizem sobre eles?** São Paulo, v.30, n.2, p. 51-80, ago/dez 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v30n2/a04v30n2.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

HANSEN, Patrícia Santos. **Infância como projeto: Nacionalismo, sensibilidades e etapas da vida em Olavo Bilac**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História–ANPUH, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300631786_ARQUIVO_Infanciaomoprojeto.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.

HANSEN, Patrícia Santos. **Olavo Bilac. Autorrepresentação e memórias do “príncipe” dos poetas e “apóstolo” do serviço militar**. Apresentação realizada no CPDOC/FGV em 19 de agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.ie.ulisboa.pt/pls/portal/docs/1/342394.PDF>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

HANSEN, Patrícia Santos. **Os primeiros livros infantis brasileiros: análise da literatura cívico pedagógica de ficção**. Rio de Janeiro, 2009. PNAP/BN. Disponível em: <http://www.academia.edu/1134576/Os_primeiros_livros_infantis_brasileiros>. Acesso em: 15 abr. 2015.

JORGE, Fernando. **Vida e poesia de Olavo Bilac**. 5. ed. Osasco: Novo Século Editora, 2007.

LAJOLO, Marisa Philbert. **Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LEITE, Miriam L. Moreira. *A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem*. In____. FREITAS, Marcos Cezar de (Org). **História Social da Infância no Brasil**. 5. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Cortez, 2003.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. **Olavo Bilac e sua época**. Rio de Janeiro: Americana, 1974.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. 1726-1950*. In____. FREITAS, Marcos Cezar de (Org). **História Social da Infância no Brasil**. 5. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Cortez, 2003.

POSTMAN, Neil. *A Invenção da Infância*. In: _____. **O Desaparecimento da Infância**. Tradução: Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Grafhia, 1999.

PRIORE, Mary Del. (Org.). **História da criança no Brasil**. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 1996.

ROSA, Maria Fernanda Vieira. **O sentido da poesia na educação infantil: a função social e algumas possibilidades pedagógicas**. 2009. 68f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-MARIA-FERNANDA-VIEIRA-ROSA.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

SCHERER, Marta Eymael Garcia. **Bilac - sem poesia: Crônicas de um jornalista da Belle Époque**. Dissertação de mestrado. Florianópolis, SC, fevereiro de 2008. Disponível em <<http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91331/248921.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. **A sátira do Parnaso**: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

SOUZA, Glória Pimentel Correia Botelho de. **A literatura infanto-juvenil brasileira vai muito bem, obrigada!** 1. ed. São Paulo: DCL 2006.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *A Formação da Literatura Infantil Brasileira*. In: _____. **Um Brasil Para Crianças**: Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. 4. ed. São Paulo: Global, 1993.